



**POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO: RETOMAR OS PRIMEIROS
FUNDAMENTOS PARA AVANÇAR**

Gabrielle Anjos de Oliveira¹
Alessandra Almeida e Silva²
Fátima Moraes Garcia³

INTRODUÇÃO

Os textos da Coleção Por uma Educação do Campo, organizados em 7 volumes, registram não só a trajetória da construção da luta por efetivação de políticas públicas de Educação do Campo, como delineiam as bases que fundamentam essa proposta educativa.

Essa Coleção não se limita apenas à educação ou aos processos educativos, embora esse seja o foco, mas também trata da necessidade de construir um novo modelo de desenvolvimento e de pensar processos formativos/educativos, motivo que a Coleção defende a necessidade de conceber a educação como processo de formação humana.

No entanto, é possível perceber algumas contradições ao realizar as leituras desses textos e na análise do que vem sendo efetivado, no âmbito da Educação do Campo, tais como: o ecletismo teórico, a secundarização da centralidade da categoria trabalho, tendo o debate (e as práticas) centrado no âmbito da identidade, da cultura e das diferenças (VENDRAMINI, 2009).

A intencionalidade de retomar esses textos se dá no sentido de observar nessa construção teórica o que de fato é relevante, e o que deve ser revisto ou criticado para que possamos avançar nas proposições da educação do campo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

1 Graduanda em Eng. Agrônoma, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo GEPEP e Bolsista de Iniciação Científica FAPESB (UESB).

2 Graduada em Pedagogia da Terra, UNEB, Mestre em Educação do Campo CFP - UFRB.

3 Professora Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo - GEPEC/CNPQ. Professora e orientadora no Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB e no Mestrado Acadêmico em Ensino Básico da UESB. Endereço eletrônico: fmg.2009@hotmail.com



O caminho para elaboração dessa análise trata da retomada dos fundamentos iniciais da sistematização teórica da educação do campo. Para tanto, toma por base as produções da “Coleção Por uma Educação do Campo”, fruto do compromisso assumido pelo conjunto de movimentos sociais e entidades do Movimento Por uma Educação do Campo.

Dessa forma, em acordo com Severino (2007), desenvolvemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, em que foram analisados os cinco primeiros volumes⁴ da coleção, com o intuito de identificar os principais fundamentos contidos nessas produções e verificar suas contribuições para a educação do campo, em especial através do Texto Base, que se encontra publicado no primeiro volume “Por uma educação Básica do Campo (Memória), (1999)”.

RESULTADO E APONTAMENTOS

A *I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo* ocorreu em julho de 1998. A partir desse encontro de Movimentos Sociais e outros setores da sociedade (CNBB, MST, UnB, Unicef e Unesco), entre os compromissos assumidos pelos seus representantes e organizadores, está a criação de uma coleção de cadernos

A concepção de educação apresentada no texto-base leva em consideração o seu sentido amplo que, segundo seus autores, tem a ver com o processo de formação humana, e defende a ideia que ela seja um espaço de construção de “*referências culturais e políticas para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz*”, (1999, p. 24).

Um dos aspectos importantes sobre essa visão de educação do campo, diz respeito à necessidade de ampliar a discussão para além dela mesma, ou seja, não se trata apenas de alfabetizar e escolarizar as crianças e jovens, e sim focar a problemática que hoje são evidenciadas no campo e suas demandas, que extrapolam a concepção convencional de ensino.

No Texto-Base, também encontramos as concepções e princípios pedagógicos que definem o entendimento *por uma escola do campo*, que a seguir destacamos:

4 Os dois últimos volumes: Projeto Político-Pedagógico da Educação do Campo: 1º Encontro do PRONERA na Região Sudeste (2006); Educação do Campo: Campo - Políticas Públicas – Educação (2008), por apresentarem outros fundamentos teóricos, que se diferenciam dos cadernos anteriores, fazem parte de outro recorte da pesquisa.



1. Os argumentos principais para a elaboração da proposta de uma escola do campo:

Não é verdade que a educação no meio rural seja um resíduo do sistema educacional e tenda a desaparecer; Existe um quase vazio em relação a propostas pedagógicas que tomem o campo como referência; Deve-se cobrar uma dívida histórica para com a população do campo; É preciso chamar a atenção para os baixos índices de atendimento à educação básica do campo; A escola pode ser parte estratégica de desenvolvimento rural, mas seu projeto educativo precisa ser contextualizado, para que a produção do conhecimento seja relevante para a intervenção social nessa realidade.

Para construir a escola do campo é preciso ter clareza do lugar social que a educação pode ocupar na construção de um projeto de desenvolvimento.

Entende-se por escola do campo aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores/ras do campo, na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário dessa população.

Pensar em uma proposta de escola do campo, hoje, é pensar num conjunto de transformações que a realidade vem exigindo/projetando para a escola (educação básica) nesse espaço social, neste momento histórico.

O papel da escola: primeiro a ser transformado. Entende-se que o processo histórico aponta para pelo menos três (novos/velhos) compromissos: Compromisso ético/moral; Compromisso com a intervenção social entendida especialmente como vínculo com projetos de desenvolvimento regional - ligado à construção de um novo projeto nacional - e como formação para o trabalho no campo; Compromisso com a cultura do povo do campo, tendo como eixos principais: a educação dos valores; a educação pela memória histórica; educação para a autonomia cultural.

6. Processo de gestão da escola, segundo a ser transformado. O que se quer é a democratização das escolas, o que quer dizer prioritariamente: Ampliação (qualitativa e quantitativa) do acesso às escolas; maior participação da população na tomada de decisões sobre a gestão do cotidiano escolar; maior participação dos alunos na gestão do cotidiano escolar, superando a mera democracia representativa; criação de coletivos pedagógicos capazes de pensar e repensar esses processos de transformação e traduzi-los em ações educativas concretas.

7. Pedagogia escolar: terceiro a ser transformada. É preciso incorporar as lições



da educação popular na vida da escola. Nossas opções pedagógicas devem ser feitas a partir de uma reflexão profunda em torno da seguinte questão: quais são os principais aprendizados a serem construídos pelas nossas crianças, pelos nossos jovens e pelos nossos adultos e que devem ser oportunizados pela escola?

8. Currículo escolar: quarto a ser transformado. O currículo precisa incorporar o movimento da realidade e processá-lo como conteúdos formativos.

9. Educadores/as da escola do campo: quinto ponto a ser transformado. Muitos/as professores/as do meio rural costumam fazer parte de um círculo vicioso e perverso: são vítimas de um sistema educacional que desvaloriza o seu trabalho, que coloca o meio rural como uma penalização e não uma escolha.

Por esta visão de educação do campo, as pedagogias que estão sendo mais referendadas como presentes no processo de construção da escola do campo são: a pedagogia da luta social, da organização coletiva; da terra, do trabalho e da produção, da cultura, da escolha, da história e da alternância. Importante salientar que se trata de uma compreensão geral sobre as possibilidades pedagógicas para a escola do campo, isto quer dizer que também podem ser construídas propostas/pedagógicas⁵ de ação específica em acordo com a realidade de cada escola, respeitando suas particularidades culturais, econômicas, sociais, religiosas, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos termos da particularidade da escola do campo, identifica-se por um quadro geral que os problemas mais expressivos que estão impossibilitando o avanço nos propósitos da educação do/para povo do campo na dimensão da formação escolar, seriam, inicialmente, os seguintes: A não permanência de professores por longo tempo na escola; A inexistência do trabalho pedagógico ancorado em um Projeto Político Pedagógico que venha a atender às reais necessidades dessa escola; Ao primado excludente que assumem as políticas públicas ao não se comprometerem em resolver as demandas de vagas efetivas de professores para as escolas do campo e a efetivação de um programa em formação continuada específica/qualificação para esses professores; A existência

5 Essas matrizes pedagógicas estão presentes no texto “A escola do campo em movimento” (Caderno n° 3, 2000).



de problemas e limitações organizativas da própria comunidade em relação à escola; A falta de políticas públicas que efetivamente colaborem para manutenção e valorização da escola do campo, desde o financiamento, estrutura física, material didático adequado e outros; Questões teóricas – fundamentos e princípios pedagógicos e filosóficos que devem ser analisado no sentido de compreender que enfoque teórico sustenta a transformação social tendo a formação humana como alicerce. Nesse sentido, há a necessidade que nos processos educativos seja retomada a centralidade do conhecimento científico como meio e instrumento para a compreensão das estruturas e funcionamento da atual sociedade.

Evidencia-se que o conjunto desses fatores, e outros de igual relevância, contribuem para a existência de diferentes problemas [a serem superados pela escola do campo] os quais se mesclam com as contradições mais gerais produzidas no seio da sociedade capitalista e com as contradições mais particularizadas oriundas da experiência material e subjetiva de vida de cada localidade rural.

Percebe-se no processo de envolvimento entre escola-professores-comunidade-algo muito próximo da explicação de Emir Sader sobre o “novo alfabetismo”, quando se refere que as pessoas podem saber explicar, mas não sabem entender. Isso significa que explicar é reproduzir um discurso midiático, já o entender é desalienar-se, é decifrar, é compreender o mundo.

O que neste momento histórico reflete a construção de outra lógica de educação, trabalho e produção no/do campo, que se coloca a nossa frente para pensarmos e debatermos trata da necessidade de mediar escola-professor-comunidade a partir da produção de um discurso e prática que faça parte dos reais interesses do povo do campo [da classe trabalhadora que vive no/do campo] de forma essencial e não superficial, como era proposta pela então educação rural que se estendeu do início do século XX até sua última década, dando margem à exclusão social de crianças e jovens ao direito à educação e contribuindo para o êxodo rural.

Palavras-chave: Educação básica. Formação inicial. Campo.

REFERÊNCIAS



Coleção Por Uma Educação do Campo. **Por uma educação Básica do Campo (Memória)**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, n.1. 1999.

Coleção Por Uma Educação do Campo. **A Educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, n.2. 1999.

Coleção Por Uma Educação do Campo. **Projeto Popular e escolas do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, n.3. 2000.

Coleção Por Uma Educação do Campo. **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, n.4. 2002.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular. 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de Educação Nº 08 - ANCA, São Paulo. 1996.

MEZSÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo. 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a Ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.